

## **Uma guerra longe do *front*: reflexos da política de nacionalização em Florianópolis durante a Segunda Guerra Mundial**

Bianca Melyna Filgueira

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

[bi\\_hst@yahoo.com.br](mailto:bi_hst@yahoo.com.br)

Resumo: Durante a Segunda Guerra Mundial, a política de nacionalização do governo Vargas se intensificou consideravelmente e foi adquirindo novos contornos, sobretudo no cotidiano dos catarinenses. Minha abordagem tende a focar principalmente o cotidiano dos imigrantes alemães que viviam na capital catarinense durante a guerra, já que estes foram os cidadãos que mais implicações sofreram diante da política de nacionalização do Estado Novo, fomentada pelos jornais da época e assimilada pela população de origem lusa. Busco, principalmente em entrevistas e nos jornais referidos, rumores dessa guerra longe do *front*.

Palavras-chave: Nacionalização, Segunda Guerra Mundial, Florianópolis, Estado Novo.

Title: Entrench far from front: quotidian in Florianópolis during the World War II

Abstract: During the Second World War, the nationalization politic of Vargas government was intensified and acquired new contours, specially in the quotidian of the Santa Catarina population. My approach tends to focus mainly the quotidian of the German immigrants who lived in the capital of Santa Catarina during the war, since they were the citizens that suffered more implications by the New State nationalization politics, stirred up by the newspapers of the period and assimilated by the Lusitanian origin population. I look for rumors about this war away from the front in interviews and in the already mentioned newspapers.

Key words: Nationalization, Second World War, Florianópolis, Estado Novo.

Europa, 1939: eclode a Segunda Guerra Mundial, contrapondo os Aliados<sup>1</sup> aos países do Eixo<sup>2</sup>. Florianópolis, 1939: o interventor Nereu Ramos sanciona o Decreto-lei nº 301, de 24 de fevereiro, proibindo o uso de nomes estrangeiros nas escolas, bem como o ensino dos idiomas alemão e italiano nas mesmas.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Reino Unido, Estados Unidos, União Soviética, França, Polônia e outros.

<sup>2</sup> Alemanha, Itália e Japão.

<sup>3</sup> PIAZZA, Walter. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Lunardelli/EdUFSC, 1983. p. 649.



É com esse pano de fundo que começa a se desenrolar em Santa Catarina – e no país inteiro, em especial nos locais colonizados por alemães, italianos e japoneses – uma guerra longe do *front*, onde há o recrudescimento da política de nacionalização de Vargas, já iniciada antes da guerra. A busca pela afirmação de uma brasilidade contrapõe-se radicalmente ao *Deutschtum*<sup>4</sup>, que nesse momento toma uma conotação diferente; antes, o que era tido como mera defesa da germanidade passa, nesse período, a ser visto como traição à pátria brasileira.

Busco demonstrar aqui como esse tempo de guerra foi vivido em Florianópolis, uma cidade constituída majoritariamente por imigrantes de origem lusa e brasileiros natos, onde facilmente se pensaria serem quase nulos os reflexos sociais da política de nacionalização imposta pelo governo Vargas e pela guerra contra o nipo-nazifascismo.

Para iniciar a discussão, faz-se necessário pontuar alguns aspectos da entrada do Brasil na guerra. O primeiro refere-se à posição de neutralidade que, inicialmente, o Brasil mantinha em relação ao conflito. O segundo, à política dúbia de Vargas, ora mantendo relações com os países do Eixo, ora com os Aliados. É o que chamo de “política do quem dá mais”. Havia, ainda, o perigo que representava para os Estados Unidos as relações entre Brasil e Alemanha: “Temia-se que uma vitória nazista na Europa pudesse influenciar uma reação diplomática do Brasil, explicitamente, pró-Alemanha”<sup>5</sup>.

Não cabendo aqui discutir os motivos, legítimos ou não, que levaram o Brasil a formalizar em agosto de 1942<sup>6</sup> o estado de guerra contra o Eixo, limito-me apenas a dizer, para não perder o foco desta pesquisa, que tal ação provocou inúmeros reflexos no cotidiano da população florianopolitana, especialmente a de origem germânica, a qual, mesmo longe do *front*, viu-se obrigada a vivenciar uma “outra guerra”<sup>7</sup>.

De acordo com Priscila Perazzo, uma prática anterior à guerra – mas que alcançou seu ápice nesse período – foi a utilização de campos de concentração para o internamento de civis. A partir de 1942,

o Ministério da Justiça e Negócios Interiores e o Ministério das Relações Exteriores passaram a adaptar e administrar presídios, colônias penais, manicômios, entre outros locais, tornando-os campos de concentração

<sup>4</sup> A palavra significa *germanismo*, mas pode ser entendida como uma ideologia que tem como ponto central a defesa da cultura germânica. Para saber mais, ver FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (org.). *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

<sup>5</sup> ALBINO, José Francisco. *A nacionalização no Estado Novo e a ameaça alemã: um olhar em São Pedro de Alcântara (1937-1945)*. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. p. 25.

<sup>6</sup> Embora já tivesse rompido relações com o Eixo em 29 de janeiro do mesmo ano.

<sup>7</sup> Esta expressão remete ao trabalho da historiadora Marlene de Fáveri, o qual será referenciado mais adiante.



destinados a receber, concentrar e confinar estrangeiros do Eixo, considerados inimigos de guerra<sup>8</sup>.

No bairro da Trindade, onde hoje encontra-se a Prefeitura da Universidade Federal de Santa Catarina, foi instalado o Presídio Político da Trindade, um campo de concentração de presos políticos, como fruto do processo de nacionalização empreendido pelo governo estadonovista e, claro, da guerra contra o nipo-nazifascismo. “Conforme o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), todos os reclusos estavam envolvidos em atividades de maior ou menor gravidade, sempre vinculados à propaganda nacional-socialista e às pretensões alemãs com relação à América do Sul.”<sup>9</sup>

Em relação aos campos de concentração brasileiros, tema ainda pouco explorado pelos historiadores, relatórios da Cruz Vermelha revelam um pouco do cotidiano dos reclusos, inclusive a existência da prática de trabalhos forçados que lhes era imposta:

Esses [trabalhos] eram voltados para a agricultura, além de limpeza e arrumação das próprias celas, procurando atribuir ao prisioneiro uma atividade que lhe fosse mais familiar. De forma geral, os presos pareciam satisfeitos com a alimentação que recebiam e as condições das instalações dos prédios que, ao contrário dos demais presídios brasileiros, eram novas e higiênicas. As celas eram grandes e arejadas, podiam acomodar de 3 a 4 pessoas<sup>10</sup>.

Aldo Coelho, morador da Trindade desde a época da guerra, conta que no campo de concentração da Trindade havia muitas figueiras e que todas as manhãs os detentos, “médicos, engenheiros [...]”, eram levados para cortar as raízes dessas árvores, arrancar coqueiros, “pra castigar eles”, esclarece o depoente.<sup>11</sup> Esse campo de concentração acomodava, em 1943, cerca de 90 pessoas, entre alemães e teuto-brasileiros. Em 1944, esse número caiu pela metade.<sup>12</sup>

<sup>8</sup> PERAZZO, Priscila Ferreira. Mais histórias de uma (outra) guerra: campos de concentração no Brasil para “súditos do Eixo” durante a Segunda Guerra Mundial. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n. 13, novembro de 2005. p. 26.

<sup>9</sup> ALBINO, *op. cit.*, p. 66-67.

<sup>10</sup> BASTOS, Ângela. Campo de concentração na Ilha. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 maio 1998. p. 23. *Apud*: ALBINO, *op. cit.*, p. 66.

<sup>11</sup> **MEMÓRIAS da Trindade**. Oficina de Vídeo-história 2005.1. Florianópolis: 2005. Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS). Departamento de História. Universidade Federal de Santa Catarina. Gravação em DVD.

<sup>12</sup> PERAZZO, *op. cit.*



Os “crimes” dos detentos estavam relacionados quase sempre ao uso do idioma alemão, que havia sido proibido, bem como de “hinos, cantos e saudações que lhe fossem peculiares”<sup>13</sup>.

O maior problema que essas medidas pró-nacionalismo acarretaram foi a não distinção entre o simples imigrante acostumado à cultura trazida de sua pátria-mãe e o elemento verdadeiramente ligado à propaganda nazista, de modo que o comerciante, o simpatizante nazista ou o colono que não tinha noção do que era nazismo, todos foram nivelados no mesmo grau de periculosidade. De fato, acredito ser essa uma discussão muito mais ampla e complexa do que é possível apresentar aqui neste momento.

É bem verdade que os jornais de Florianópolis contribuíram muito para a construção e a difusão dessa imagem de “inimigos da pátria” – alemães, italianos e japoneses, mas em maior grau os primeiros –, como mostra Márcia D’Acampora:

Diferentemente dos dias atuais, onde a televisão gera as imagens visuais dos acontecimentos, praticamente ao mesmo tempo que suas ocorrências, cabia aos jornais, como um dos meios de comunicação de massa da época entre os anos de 1939 a 1945, propiciar ao público catarinense, uma população composta etnicamente por um expressivo número de descendentes de imigrantes das regiões em conflito, essas imagens através de palavras<sup>14</sup>.

Ainda conforme D’Acampora, Santa Catarina tinha nesse período uma população de 970.336 habitantes, dos quais 476.884 sabiam ler e escrever<sup>15</sup>, o que revela a grande abrangência que os jornais catarinenses tiveram como veículo de comunicação.<sup>16</sup>

Analisando o jornal *O Estado* do ano de 1942, percebe-se que a estratégia visual era muito utilizada para chamar a atenção dos leitores. Letras grandes estampadas na primeira página e em todo o jornal, rodeadas por anúncios e pouquíssimas notícias locais, manchetes chamativas e palavras, é preciso dizer, em um tom absolutamente generalizante. Nesse momento, não há mais uma distinção entre as palavras “alemão” e “nazista”, por exemplo, porque a essa altura uma já se tornara, pejorativamente, sinônimo da outra.

<sup>13</sup> SANTOS, Janaína. *Os silenciamentos impostos aos alemães durante o Estado Novo em Florianópolis*. p. 4. Disponível em: <[http://www.labhstc.ufsc.br/jornada/textos/Janaína\\_santos.doc](http://www.labhstc.ufsc.br/jornada/textos/Janaína_santos.doc)>. Acesso em: 12 maio 2007.

<sup>14</sup> D’ACAMPORA, Márcia; RUIZ, Ernesto Aníbal. *A construção da imagem do inimigo: o papel dos jornais durante a Segunda Guerra Mundial em Florianópolis (1939/1945)*. Florianópolis, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. p. 1.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 3.

<sup>16</sup> Em Florianópolis, a população era de 25.014 habitantes de acordo com o censo de 1940, mas é preciso considerar que não foram computados nesse censo os números referentes às vilas de João Pessoa, Saco dos Limões e Trindade. Cf. PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. *O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade*. Publicado originalmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n. 3.981. Disponível em: <[http://www.arg.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos\\_pj.pdf](http://www.arg.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_pj.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2007.



Mas é importante ressaltar que, até a entrada do Brasil na guerra, “o espaço político garantido aos nazistas pelo governo Vargas foi suficientemente flexível, permitindo-lhes livre trânsito [...]”<sup>17</sup>. O tratamento repressivo despendido pelo governo brasileiro aos “súditos do Eixo”, após o alinhamento com os Aliados, pode ser visto como mais uma tentativa de ratificar esse alinhamento, atingindo um duplo escopo: as políticas interna e externa.

Numa notícia publicada pelo jornal *O Estado* em 6 de agosto de 1942, sob o título “Certeiro golpe da polícia da capital”, poucos dias antes de o Brasil formalizar o estado de guerra contra o Eixo, mas já efetivamente vivendo uma situação de beligerância com os países integrantes do mesmo, lê-se o seguinte:

Informa-nos, em nota oficial, o D.E.I.P.: Há tempos que a nossa polícia, atenta às manobras criminosas dos quinta-colunistas, vinha exercendo rigorosa vigilância sôbre certos elementos suspeitos que, diariamente, entre as 7 e 8 horas da manhã, se reuniam no escritório do depósito da firma Hoepcke [...]. Com a prudência que lhe é peculiar, conseguiram as nossas autoridades ficar a par dos motivos dessas reuniões, obtendo provas seguras de nelas serem tratados assuntos de guerra, manifestando-se os indivíduos, que nelas tomavam parte, não apenas favorável aos países totalitários, mas, o que é mais, não escondendo o seu contentamento, sempre que se recebiam notícias de afundamento de navios brasileiros<sup>18</sup>.

Aqui é possível seguir dois tipos de raciocínio diferentes: de um lado, o de que a polícia contava com a ajuda da população delatora para identificar indivíduos que supostamente tinham tendências nazistas, e, de outro, a intencionalidade do jornal de reforçar a imagem do “inimigo”, já que não se pode ignorar o forte aparelho repressivo que marcou a política estadonovista e todo o caráter político-institucional que impõe certas limitações e cuidados ao se analisar esse tipo de fonte. Além disso, é preciso observar as tendências ideológicas do jornal *O Estado*. Dirigido na época por Altino Flores, é perceptível no periódico um caráter mais elitista e nacionalista, em contraposição a outro importante jornal da cidade, *A Gazeta*, dirigido por Jairo Callado, que tinha ligações com a UDN.<sup>19</sup> Por tudo isso, esse tipo de fonte deve ser lida “a contra-pêlo”<sup>20</sup>, como nos ensina Walter Benjamin, buscando-se os ecos de outras vozes escondidas em meio ao discurso oficial.

<sup>17</sup> PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. p. 19. *Apud*: ALBINO, *op. cit.*, p. 11.

<sup>18</sup> Certeiro golpe da polícia da capital. *O Estado*. Florianópolis, 6 ago. 1942.

<sup>19</sup> União Democrática Nacional, que se caracterizava essencialmente pela oposição constante a Getúlio Vargas e ao getulismo.

<sup>20</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. V. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.



Essas duas linhas de raciocínio podem ser consideradas e acredito que não sejam necessariamente antagônicas, mas complementares; desde que dosadas e cruzadas com outras fontes, ambas fazem sentido. Na seqüência da notícia, lê-se que, após a declaração de um dos elementos suspeitos de que “o filho ou neto de alemão que não fosse eixista não passava de um filho de mulher desonesta”<sup>21</sup>, resolveram as autoridades prendê-los, com o aplauso da população.

Há ainda que se considerar a existência de delatores “recrutados, às vezes, entre os da própria etnia”<sup>22</sup>, o que mostra bem a complexidade dessa questão no período.

Na edição de 4 de agosto de 1942, vê-se a atuação do jornal *O Estado* no sentido de conclamar a população à “caçada” aos “inimigos da pátria”: “[...] O apregoado nacionalismo nada mais tem sido que cortina de fumaça, que lhes mascara os propósitos e as atitudes serviçais para com os planos urdidos lá fora. O dever de todo brasileiro é descobri-los, para que sejam severa e duramente castigados”<sup>23</sup>.

O embate étnico entre imigrantes lusos e germânicos, já presente no cenário social catarinense, intensificou-se com o apoio do governo brasileiro aos Aliados. Foi uma das muitas idas e vindas da preponderância, ora lusa, ora germânica, que permeia a história ou, melhor dizendo, a historiografia de Santa Catarina. Os lusos, em outros momentos relegados a um papel secundário na história catarinense, e não raro tidos como atrasados e incapazes<sup>24</sup>, em contraposição aos prósperos germânicos, puderam, então, enaltecer sua açorianidade e brasilidade, em detrimento dos imigrantes germânicos, identificados então como súditos do Eixo e acusados de não-assimilação da cultura brasileira, o que batia de frente com a política varguista.<sup>25</sup>

Em sua dissertação, José Albino traz as palavras de Zacarias Schmitz, descendente de alemão e morador de São Pedro de Alcântara, que relata como era a convivência com os brasileiros de origem lusa no período da Segunda Guerra: “A gente falava alemão em casa e tivemos que parar, muitos brasileiros, ao verem dois ou mais descendentes [...], iam correndo

<sup>21</sup> Certo golpe da polícia da capital. *O Estado*, *op. cit.*

<sup>22</sup> MOSER, Anita. *A violência do Estado Novo brasileiro contra os colonos descendentes de imigrantes italianos em Santa Catarina durante a Segunda Guerra Mundial*. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=200>>. Acesso em: 29 jun. 2007.

<sup>23</sup> **O Estado**. Florianópolis, 4 ago. 1942.

<sup>24</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do passado. In: \_\_\_\_\_. *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: EdUFSC, 1997.

<sup>25</sup> A esse respeito, uma observação importante: ignoramos as proporções desse embate luso-germânico no cotidiano dos imigrantes nos períodos pré-guerra e entre-guerras, mas é sabido que a questão da identidade é algo construído com uma finalidade específica e particular. Para saber mais acerca da construção de identidades, ver FLORES, *op. cit.* e FROTSCHER, *op. cit.*



de encontro para ver se estavam falando alemão, para denunciar às autoridades. Tinha gente que chamava nós de alemão de merda e traidor [...]”<sup>26</sup>.

No documentário *Bocaiúva 42*, produzido por Rafael Alves e Vivian Beltrame Awad, temos a fala de Leovanir Lisboa, que diz que, na época da guerra, quem era amigo (dos alemães e descendentes) tornou-se inimigo da noite para o dia. O mesmo documentário revela que o próprio barão Dietrich von Wangenheim ficara desempregado naquele período, fato nada incomum durante a guerra.<sup>27</sup> Não raro era também o boicote a empresas com nomes alemães, como foi o caso da Hoepcke<sup>28</sup>, um dos maiores conglomerados empresariais do sul do país, o que sugere que a classe social dos imigrantes não era fator distintivo e determinante no tratamento a eles dispensado.

Em sua tese de doutoramento, Luiz Felipe Falcão ilustra um pouco os reflexos da guerra contra o Eixo no cotidiano da população quando comenta a reação do povo aos torpedeamentos de navios brasileiros:

Convocado pelas autoridades ou por instituições como a Liga de Defesa Nacional, o povo saiu às ruas em Florianópolis exigindo vingança: a multidão atirou pedras nas vidraças de algumas casas, arrancou a placa da rua Blumenau (substituindo-a por outra com a denominação de Aníbal Benévolo, um dos navios afundados), mudou o nome de várias lojas (a Livraria Central, de Alberto Entres, tornou-se Livraria Baependi; a Casa Veneza transformou-se em Casa V), e obrigou alemães e italianos a darem vivas ao Brasil, a Getúlio Vargas e a Nereu Ramos [...]”<sup>29</sup>.

Entretanto, é preciso fechar um pouco mais o *zoom* ao analisar essas afirmações de Falcão, sobre as quais torna-se necessário fazer um adendo, ainda que correndo o risco de desviar por um momento de uma discussão mais social para outra mais política. Conforme o historiador Roney Cytrynowicz, “mesmo quando foram afundados os navios brasileiros em

<sup>26</sup> SCHMITZ, Zacarias. 76 anos. Entrevista realizada em 2 de outubro de 1994. In: ALBINO, *op. cit.*, p. 81.

<sup>27</sup> *Bocaiúva 42*. Produção de Rafael Alves e Vivian Beltrame AWAD. Florianópolis: 2006. Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (Trabalho de Conclusão de Curso). Gravação em DVD.

<sup>28</sup> De propriedade de Carlos Hoepcke Júnior, filho de Carl Hoepcke, alemão de Striesia que imigrou para o Brasil em 1863, a empresa atuava no ramo da construção civil, fornecimento de implementos europeus para a agricultura e o parque industrial, transporte marítimo de passageiros e cargas, além do fabrico de rendas e bordados. Os Hoepcke eram tidos como os “donos da cidade” e habitavam na Praia de Fora (região que compreende as ruas Trompowski, Bocaiúva, Esteves Júnior etc., atual região da Beira-Mar Norte); era uma área onde se concentrava a elite da cidade (as classes mais pobres se concentravam na região onde hoje encontram-se as avenidas Hercílio Luz e Mauro Ramos). Vale destacar que, com o boicote, a empresa Hoepcke só voltou a se fortalecer após o casamento de Ruth Hoepcke com Aderbal Ramos da Silva, que assumiu seu controle acionário. Cf. GOMES, Mônica Christien Rihl. *Imigração, educação e mudança tecnológica: estudo de caso nas indústrias de Blumenau*. Campinas, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. p. 19.

<sup>29</sup> FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: UNIVALI, 2000. p. 175-176. *Apud*: ALBINO, *op. cit.*, p. 75.



1942, não se pode falar em comoção nacional ou fervor patriótico”; antes, temos de entender manifestações como a descrita acima, que ocorreram também em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, como restritas a pequenos grupos, “que o governo tratou de transformar em comoção nacional”, segundo o historiador.<sup>30</sup> De fato, não se pode negar que tal percepção faz todo o sentido se isso for entendido como um artifício do governo para respaldar e justificar a entrada do Brasil na guerra; uma história, acredito, construída, encoberta pelo véu da política dúbia de Vargas, a “política do quem dá mais”.

Em outras instituições, a política de nacionalização também foi aplicada e recrudesciu durante a época da Segunda Guerra, como na Igreja Luterana, onde o culto em alemão fora suprimido e muitos pastores levados ao campo de concentração da Trindade:

Foi um período em que nos buscaram aniquilar: Tiraram nossas escolas, fecharam nossos templos, incendiaram nossas igrejas e casas pastorais. Fomos expostos a execração pública. Buscaram destruir nossa memória. Em nosso templo, escoltado por integrantes da Liga de Defesa Nacional, o pastor de nacionalidade alemã, teve que solenemente instalar ao lado do altar a bandeira nacional [...]<sup>31</sup>.

Em Florianópolis, a congregação católica das Irmãs da Divina Providência, que mantinha o Colégio Coração de Jesus, também foi alvo de medidas radicais por parte do governo estadonovista, já que, até então, o idioma alemão era bastante utilizado entre suas religiosas:

Não foram raros os atritos com elementos da maioria populacional luso-brasileira e do próprio governo federal e estadual [...]. Era muito comum, por exemplo, nas horas das refeições, irromperem dois ou três homens pelo refeitório adentro [...]. Eu acho que eles vinham inspecionar, nos olhavam com muita desconfiança por sermos alemãs<sup>32</sup>.

Na catequese, uma situação que ocorria amiúde era a separação das crianças de origem alemã das de origem lusa<sup>33</sup>, o que já não acontecia no ensino laico. Conforme Neide Fiori, a escola pública era considerada a grande responsável pela “construção” de uma

<sup>30</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 32.

<sup>31</sup> DREHER, Martin N. In: MÜLLER, Telmo Lauro (org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Unisinos, 1994. p. 89. *Apud*: ALBINO, *op. cit.*, p. 37.

<sup>32</sup> BOPRÉ, Maria Regina. *O Colégio Coração de Jesus na educação catarinense (1898-1988)*. p. 174-175. *Apud*: ALBINO, *op. cit.*, p. 37.

<sup>33</sup> ALBINO, *op. cit.*, p. 85.





homogeneidade cultural<sup>34</sup>, apostando-se na mistura de etnias com o objetivo de erradicar o idioma estrangeiro e elementos peculiares da sua cultura.<sup>35</sup>

No atual município de Antônio Carlos, que no período da guerra pertencia a Biguaçu, grande Florianópolis, a população teve de conviver com o medo provocado pelas atitudes nacionalistas do governo estadonovista. Albino mostra que até mesmo os cemitérios foram alvos da caçada à cultura germânica, tendo cruzes com inscrições em idioma alemão arrancadas e epitáfios apagados ou quebrados:

Buscas, apreensões policiais, revistas em casas foram realizadas em todo o distrito de Antônio Carlos [...] quando foram apreendidas bíblias, devocionários, livros, bordados com provérbios de parede e quadros emoldurados com artísticos dizeres religiosos ou cívicos em idioma alemão. A devassa foi total nas igrejas, cemitérios e residências [...]<sup>36</sup>.

Nas residências dos teutos, a polícia procurava principalmente por armas, que representavam, na visão do governo, uma enorme ameaça à segurança da população, e por rádios de ondas curtas, pois havia rumores de que esses imigrantes escutavam a emissora alemã Deutsche Welle, difusora da propaganda nacional-socialista.<sup>37</sup>

Os tempos de guerra trouxeram algumas situações bastante peculiares com as quais a população florianopolitana, em geral, teve de conviver. Como exemplo, cito os exercícios do Sistema de Defesa Passiva Antiaérea, implantado pelo governo. O primeiro aconteceu em 22 de setembro de 1942. O exercício iniciava com sirenes dando o sinal de alarme para que todos procurassem abrigo. Em seguida, aviões simulavam um bombardeio utilizando sacos de cal.<sup>38</sup> Cito esses exercícios por acreditar que podem revelar outras nuances do impacto da guerra sobre o cotidiano das pessoas, como o medo, que certamente permeou o seu imaginário. Isso fica explícito na fala de Maria Lina Niconomus, na época moradora da Rua Jerônimo Coelho, no coração de Florianópolis: “[...] quando tocava aquela sirene eu ficava apavorada, achando que os alemães iam me pegar, sabes. A mãe tinha que vir me buscar porque eu tinha um medo

<sup>34</sup> FIORI, Neide Almeida. A nacionalização do ensino em Santa Catarina. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n. 13, nov. 2005.

<sup>35</sup> Em 12 de março de 1940, é inaugurada por Getúlio Vargas a escola homônima na Vila de Saco dos Limões, município de Florianópolis. “Como um marco da honrosa presença do Presidente Getúlio Vargas, foi plantado no pátio da escola um exemplar de pau-brasil [...]”; isto é o que se lê no site da escola hoje, mas que está em plena consonância com o discurso da época da sua inauguração, enaltecendo dois símbolos nacionais, que reforçam o “sentimento de brasilidade”: o pau-brasil e Vargas. Cf. <[http://www.eebgetuliovargas.sed.sc.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=12&Itemid=27&lang=>](http://www.eebgetuliovargas.sed.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=27&lang=>). Acesso em: 4 jul. 2007.

<sup>36</sup> REITZ, Raulino. *Alto Biguaçu: narrativa cultural tetra racial*. Florianópolis: Lunardelli/EdUFSC, 1998. p. 247. *Apud*: ALBINO, *op. cit.*, p. 70.

<sup>37</sup> ALBINO, *op. cit.*, p. 71-76.

<sup>38</sup> FALCÃO, *op. cit.*, p. 177. *Apud*: ALBINO, *op. cit.*, p. 75-76.



desgraçado dos alemães, pra ti ver como essa coisa gravou em mim [...]”<sup>39</sup>. Declarações como esta dão alguma idéia de quão eficientes foram as estratégias utilizadas pelo governo brasileiro no sentido de construir a imagem do “inimigo”.

Todos esses eventos mostram como a população florianopolitana, especialmente a de ascendência germânica, enfrentou essa guerra longe do *front*, e como essa atmosfera de guerra e “brasilidade” foi permeando cada vez mais o cotidiano das pessoas.

Em se tratando das especificidades das situações vividas pelos germânicos em solo catarinense *versus* as vividas pelos luso-brasileiros, seus embates e complexidades, sinto-me impelida a tentar manter-me o mais próximo possível da neutralidade. De um lado, sabe-se que as ações estatais de Vargas, expressas e muitas vezes reforçadas pelos jornais, que as retroalimentavam, fizeram com que os florianopolitanos se sentissem muito próximos aos acontecimentos da guerra, suscitando, é possível imaginar, um medo real do “inimigo” que se fazia presente. De outro lado, o imigrante que de fato fazia propaganda nazifascista – a qual, sabe-se, existiu em Florianópolis – e o que não fazia nem idéia do que isso significava, ambos foram postos no mesmo “campo de concentração” invisível, mas plenamente sentido – o que, certamente, gerou as maiores contradições internas na sociedade, de modo a abrir um grande leque de possibilidades de estudo, mas, também, de tornar qualquer julgamento *a posteriori* infrutífero, injusto e vão.<sup>40</sup>

### Considerações finais

Este artigo objetivou penetrar um pouco no cotidiano de Florianópolis no período da Segunda Guerra Mundial, mostrando como a política de nacionalização de Vargas, intensificada nos anos da guerra, provocou uma série de impactos sobre os diferentes grupos étnicos que compunham a sociedade da capital catarinense.

Por meio de medidas pró-nacionalistas que marcaram o Estado Novo, vimos como a população germânica, principalmente, enfrentou uma guerra particular engendrada pelo governo, pela polícia política e em grande parte pela imprensa florianopolitana, e como isso refletiu em suas relações cotidianas com a população luso-brasileira.

<sup>39</sup> NICONOMUS BASTOS, Maria Lina, 63 anos. Entrevista concedida em 21 de agosto de 1999. FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Univali, 2005. p. 38.

<sup>40</sup> No campo historiográfico, nos são lícitas e pertinentes as investigações, as análises, as inferências, contudo é preciso ter claro que afirmações categóricas e julgamentos como, por exemplo, quem foi vítima e quem não em determinado contexto nos fariam cair em anacronismos e simplismos não desejáveis neste ofício.



Além disso, foi possível perceber quantas implicações a guerra trouxe em outros âmbitos, como no educacional e religioso, interferindo até mesmo na conduta privada das pessoas, como vemos numa publicação do jornal *O Estado*, em setembro de 1942: “Podem deixar os súditos do ‘Eixo’ casar com brasileiras?”<sup>41</sup>.

A guerra estava por todos os lados: no mar, com a presença dos ameaçadores submarinos alemães, o que mobilizou os marinheiros catarinenses no sentido de protegerem a costa; no céu, com o temor – improvável ou não – de que a Luftwaffe, a Força Aérea Alemã, alcançasse o espaço aéreo brasileiro, o que obrigou a população a participar de exercícios de defesa passiva no caso de isso ocorrer, fomentando o medo; e em terra firme, afetando de fato o cotidiano de uma população que passara a olhar o imigrante alemão, principalmente, com grande desconfiança. Nas palavras de Aldo Coelho, “eles eram alemão né; eles falavam mal do brasileiro. Às vezes lá no Mercado Público eles brigavam [...]. Eles diziam que iam botar freio na boca do cavalo, dos brasileiros [...]”<sup>42</sup>.

Estima-se que cerca de 200 alemães deixaram Santa Catarina só em 1939<sup>43</sup>, não se sabe se para lutar no exército nazista ou se para fugir das perseguições empreendidas pela polícia política brasileira. Mas, a partir de 1942, esses imigrantes ficaram impedidos de sair do Brasil, em retaliação aos brasileiros presos nos campos de concentração na Europa.

Vimos, aqui, uma pequena porção do caldeirão de complexidades e ambigüidades que marcaram o período da guerra em Florianópolis, tendo como mola propulsora a política de nacionalização adotada por Getúlio Vargas desde 1937 e prontamente apoiada por seu interventor no estado, Nereu Ramos<sup>44</sup>. Possivelmente com um sabor amargo para o interventor, naquele período, a Rua Nereu Ramos, em Florianópolis, ficou conhecida como a “Rua do Eixo”<sup>45</sup>. Ironia da história?

<sup>41</sup> D’ACAMPORA, *op. cit.*, p. 111-112.

<sup>42</sup> *Memórias da Trindade, op. cit.*

<sup>43</sup> D’ACAMPORA, *op. cit.*, p. 102.

<sup>44</sup> Em boa parte do século 20, a cena política catarinense ficou marcada pelas disputas entre as famílias Ramos e Konder – esta última, de origem germânica.

<sup>45</sup> Na referida rua, moravam no período da guerra vários alemães, alguns italianos e uma pequena minoria de brasileiros. Cf. FÁVERI, *op. cit.*, p. 39.

